

Paula Fernandes

com Sibelle Pedral

Pássaro de fogo

Minha história

pa ra se a

Copyright © 2018 by Paula Fernandes e Sibelle Pedral

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA E CADERNO DE FOTOS Joana Figueiredo

FOTO DE CAPA Marlos Bakker

PREPARAÇÃO Silvia Massimini Felix

REVISÃO Luciane Helena Gomide e Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fernandes, Paula

Pássaro de fogo : minha história / Paula Fernandes com
Sibelle Pedral. — 1^a ed. — São Paulo : Paralela, 2018.

ISBN 978-85-8439-131-8

1. Cantoras – Brasil – Biografia 2. Fernandes, Paula
3. Memórias autobiográficas I. Pedral, Sibelle. II. Título.

18-20609

CDD-782.0092

Índice para catálogo sistemático:

1. Cantoras brasileiras : Biografia 782.0092

Maria Paula C. Riyuzo – Bibliotecária – CRB-8/7639

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

editoraparalela.com.br

atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br

facebook.com/editoraparalela

instagram.com/editoraparalela

twitter.com/editoraparalela

Dedico este livro à minha querida mãe, Dulce, que, afinal, me trouxe ao mundo e sempre me deu o seu melhor.

A ela, que se dedicou a cuidar de mim e de meu irmão, Nilmar; que sobreviveu à miséria em tempos ruins e à ausência de meu pai, dentro e fora de casa; que abdicou de tudo para nos criar.

Foi ela quem me ouviu pela primeira vez naquele dia abençoado e sempre esteve ao meu lado. Foi ela que teve olhos para a artista que eu já era e viu algo que ia além do meu cantar.

Eu devo a ela a minha garra e força de Fênix.

Minha mãe me fez Pássaro de Fogo no dia em que não me deixou pular.

Te amo, mamãezinha.

Sumário

Introdução	9
1. Jeito de mato: a vida no sítio	13
2. Desculpe, mas eu vou chorar: a descoberta da música	28
3. Fale comigo: o primeiro vinil	42
4. Voarei: vida de rodeio	55
5. Complicados demais: o fundo do poço mais fundo....	76
6. Sensações: a alegria de voltar a cantar	89
7. Ave-Maria Natureza: “É a visceral que eu quero”	95
8. Pássaro de fogo: esse trem vai ser grande	110
9. Costumes: Roberto Carlos e a praia vista da janela.....	130
10. <i>Over the rainbow</i> : 2011, o ano em que tudo aconteceu ..	139
11. <i>You're still the one</i> : Taylor, Shania e eu	154
12. Se o coração viajar: a cantora global	163
13. Pronta pra você: meus amores	176
Epílogo	189
E uma reflexão antes de terminar	195
<i>Agradecimentos</i>	197
<i>Créditos das imagens</i>	199

Introdução

Não era o andar mais alto, mas era alto o suficiente para eu saber que, se saltasse, o problema estaria resolvido. Nunca mais teria que esperar o telefone tocar na expectativa de um show, de uma promessa. Nunca mais frequentaria hotéis com baratas que rondavam minha cama. Nunca mais sentiria que a vida estava passando, mas eu não a vivia. Nunca mais haveria aquela dor inexplicável, paralisante, na alma. Bastava uma dose de coragem e pronto.

Minha mãe e eu tínhamos chegado a São Paulo havia pouco tempo e estávamos hospedadas em um hotel no centro da cidade. Eu acabara de gravar um CD pela Number One, gravadora do cantor Eduardo Araújo. Existia uma chance, talvez a maior até aquele momento, de que minha carreira finalmente engrenasse. Eduardo, artista veterano, estrela da Jovem Guarda, estava lançando, além de mim, a dupla Victor e Leo e a própria filha, Mônica Araújo. Ele estava otimista. O CD tinha ficado bom.

Mas eu estava cansada demais. A confusão na minha cabeça era tão grande que me impedia de ver luz no fim do túnel. Eu não estava mais dando conta. Comecei a emagrecer, fui sentindo uma tristeza por dentro. Perdi metade do meu cabelo. Eu não sabia, não entendia — pura ignorância —, mas estava doente, com uma depressão fortíssima. Eu tinha quase dezoito anos e não queria mais viver.

No quarto estávamos só minha mãe e eu. Me aproximei da janela, olhei para baixo, me virei para ela e avisei:

“Vou pular.”

E, mesmo diante do horror nos olhos dela, reforcei:

“Mãe, não chega perto. Eu vou pular. Não aguento mais.”

Minha vida não fazia nenhum sentido. Nunca tinha tido um namorado nem tomado um porre. Fui ao cinema pela primeira vez aos quinze anos. Amigos, zero. Não tinha vida social. Se alguém me oferecia um sorvete, eu perguntava à minha mãe: “Mãe, eu quero sorvete? Será que vou gostar?”. Nunca havia ido a bailinhos de adolescente — ou melhor, até fui, mas para cantar: eu é que era atração musical. Nunca houve viagem de férias. Eu achava que a culpa era do meu trabalho. Levava uma vida nômade e passava longos períodos sem ir à escola, tendo aulas em casa com minha mãe, que era professora de formação. O que eu fazia me limitava. Naquele momento, porém, eu é que tinha chegado ao meu limite.

Sentada na cama, minha mãe me observava, imóvel. Hoje sei que ela teve poucos segundos para fazer a coisa certa. De alguma forma, intuitivamente, fez.

“Filha, calma. Prometo que as coisas vão mudar”, ela disse. E começou a rezar uma ave-maria, a voz meio tremendo, mas sem vacilar. “Filha, me acompanhe”, pediu. “Eu te amo mais do que a minha vida.”

Comecei a chorar, ainda encostada na janela. Minha mãe fez o mesmo. Não sei por quanto tempo ficamos assim, chorando, distantes uma da outra. Talvez eu tenha baixado a guarda sem perceber e só então ela se aproximou, cautelosa. Eu me deixei abraçar. Caímos de joelhos e rezamos juntas.

Tenho poucas lembranças do que aconteceu depois. Talvez eu tenha me acalmado, adormecido, exausta por dentro e por fora. No dia seguinte, de novo minha mãe e eu no mesmo quarto de hotel, fui até a janela e mais uma vez ameacei pular. Mas então minha mãe estava preparada e se aproximou, decidida — tão decidida que fiquei sem ação, esperando para ver o que aconteceria. Para meu

espanto, ela me afastou e começou a projetar o próprio corpo para fora da janela.

“O.k., filha, você quer pular. Vamos fazer o seguinte. Eu vou primeiro, porque não suporto a ideia de viver sem você. Então, você me segue. Vamos morrer juntas.”

Alguma coisa na voz dela me dizia que não estava brincando. Talvez minha mãe também estivesse exausta. Então, eu é que a abracei e afastei-a da janela. Lembro de ter chorado muito nesse momento.

“Você me ama a ponto de morrer por mim, mãe?”

“Meu amor por você é maior do que tudo que você possa imaginar nessa vida.”

Nós duas nos abraçamos por um longo tempo. Ali, era a filha que se sentia amada, não a cantora.

Será que, do ponto de vista da psiquiatria, é possível determinar quando começa uma depressão?

Eu tinha uma pista sobre a primeira fagulha da minha.

Um dia, aos onze anos, cheguei da escola e encontrei as malas feitas na sala de casa. Àquela altura, já morávamos na cidade de Sete Lagoas, no interior de Minas Gerais — não mais no sítio onde eu passara meus primeiros anos. Havia uma certa cerimônia no ar. Meu pai e minha mãe estavam sentados no sofá; ela cruzava e descruzava as mãos, com algum nervosismo.

“Filha, senta”, ela pediu. Pus a mochila da escola no chão e sentei. Estava assustada. Muito assustada.

Quem me deu a notícia foi meu pai: “Filha, nós vamos nos mudar para São Paulo para cuidar da sua carreira”.

Eu nem respirava. Um filme passou pela minha cabeça. Eu tinha certeza de que, se ficasse em Sete Lagoas, seria apenas mais uma criança-cantora-talentosa que a vida engoliria. Que a idade adulta engoliria. Em São Paulo, as chances de sucesso eram maiores

e reais. Por outro lado, a responsabilidade aumentava. Todo mundo abrindo mão de tudo por mim. Foi a primeira grande guinada da minha vida, e foi muito difícil aceitá-la.

Pesou demais. Ninguém precisou me dizer que era pesado. Eu sentia. Já fazia três anos, desde os oito, que eu estava concentrada na minha “carreira” — entre aspas, porque ainda não era uma carreira de verdade, como a dos cantores que eu admirava, como Leandro e Leonardo, Zezé di Camargo e Luciano, Angélica ou Chitãozinho e Xororó. Era responsabilidade demais, embora eu, naquela idade, não fosse capaz de elaborar esse raciocínio. Mas me pareceu apavorante que meus pais deixassem tudo o que tínhamos ali, mesmo que não fosse um grande patrimônio, para investir em mim. Esperavam que, com onze anos, eu já soubesse o que queria, e por acaso coincidia com o que me diziam: que eu queria ser cantora. Ninguém me perguntou se eu topava ser arrimo de família ou se eu queria ser criança. Vai desistir agora?, eu me questionei. Claro que não, eu mesma respondi. Sou cantora. Gosto de cantar. Se existe uma coisa que sei fazer direito, é tocar e cantar. Então vamos em frente, Paula, disse a mim mesma.

Esta é a história de uma cantora que abriu mão de muita coisa para cantar. De uma menina que não foi criança, mas conseguiu se tornar uma mulher equilibrada. De uma adolescente que sentia falta de um mundo de coisas que ela não sabia o que eram, mas que, quando enfim soube, conseguiu conquistar — não tudo, mas muito. De uma garota que achava que para ser cantora não podia ter vida, porque, se tivesse vida, não conseguiria cantar. De uma jovem cantora que dizia para si mesma: “Quando eu tiver minha casa, aí sim arrumo um namorado”. De uma menina que obedecia ao pai e à mãe e que nunca teve coragem de dizer: “Isso eu não quero fazer”. Que foi sacrificada e redimida por tudo o que lhe foi imposto, e encontrou seu caminho. E nesse caminho havia sofrimento, mas também fama e felicidade.

Coube tudo isso e muito mais dentro de mim.

1. Jeito de mato: a vida no sítio

A casa era pequena. Por fora, as paredes tinham um reboco branco meio descascado. No interior, a luz do sol entrava pelas janelas de madeira, iluminava a poeira em suspensão e suavizava a aridez dos poucos móveis baratos. O quarto que eu dividia com meu irmão era tão apertado que só cabiam nossas duas camas de solteiro, camas de campanha, com colchão fino. Na sala havia um sofá bege e um rádio de pilha — o aparelho de tv em preto e branco só veio mais tarde. Na cozinha de terra batida morava o artista principal da casa, um fogão a lenha, que mesmo apagado ainda era acolhedor. Com exceção dos invernos secos, não fazia frio no sítio de quinze alqueires situado às margens do rio Cipó, na borda de Sete Lagoas, cidade industrial localizada a pouco mais de setenta quilômetros de Belo Horizonte. Mesmo assim, meu irmão Nilmar e eu brigávamos todos os dias pelo lugar mais próximo do calor do fogo. Sentávamos sobre o fogão, na superfície plana e levemente aquecida onde os pratos, depois de prontos, ficavam esperando a hora de ir para a mesa.

No banheiro não havia vaso sanitário. O chuveiro demorou a chegar: por muito tempo, houve apenas uma grande bacia onde minha mãe nos banhava com água aquecida no fogão a lenha; uma água com cheiro de queimado. Água que se aquece em fogão a le-

nha tem um perfume próprio, e também tem sabor — ainda hoje, se eu fechar os olhos, consigo sentir o cheiro e o gosto. As janelas do banheiro eram basculantes sem vidro, vedadas com plástico nas noites mais frias. Um dia, arrumou-se um chuveiro — na verdade, um objeto que lembrava um grande regador inclinado, feito de alumínio, onde alguém, talvez meu pai, despejava a água que vinha pelando do fogão a lenha e nós misturávamos com água fria. Durante muito tempo, tomamos banho assim.

Não éramos muito pobres. Éramos apenas pobres.

No entanto, eu não trocaria aquela minha infância por nenhuma outra. Foi ela que me fez forte e frágil. Valente e medrosa. Matreira e obediente. Lá no sítio, era a natureza que dava as regras. Foi com ela que aprendi a respeitar os limites do ambiente onde eu vivia. Era a menina que esperava a galinha-d'angola se afastar para, com uma colher de pau, roubar os pequenos ovos rosados, bege ou azuis que ela punha em um ninho no meio do mato — e que eu adorava comer. Era a menina que subia no cavalo em pelo, e a única da família que não precisava chantageá-lo com nenhum agrado para que se deixasse montar. Que ignorava as aranhas enormes e, com cinco anos, já sabia tirar leite da vaca. Era também a menina assustada que morria de medo de passar pela grota, uma fenda escavada pela água numa ribanceira do sítio. Aos meus olhos de criança, era mais funda do que qualquer poço; se eu bobeasse, ela poderia me engolir. Era a menina que tinha pavor de usar o buraco no chão que funcionava como privada, e fazia o necessário atrás dos pés de limão do sítio.

A menina diferente que eu fui fez de mim a mulher diferente que eu sou.

O sítio pertencia ao meu pai, Osvaldo. Na pequena casa, morávamos quase em comunidade. Além dos meus pais e do meu irmão, viviam lá meus avós paternos, Nelson e Sebastiana, tio José e tia Lieta, irmãos de meu pai; ela era minha madrinha de batismo. Sem falar nas galinhas, nos cachorros, nas vacas, nas cabras, na porca.

Meu avô havia sido tropeiro: atravessava as Minas Gerais no lombo de uma mula vendendo sacas de café. Naquele momento, já velho, era uma figura pacata e dorminhoca, que vivia fazendo o quilo (no interior de Minas, era assim que chamávamos a sesta) em um banco de madeira na cozinha. Ele tinha uma pinta na língua, adquirida de tanto comer pequi, fruta típica do cerrado com uma camada fina de espinhos sob a polpa. Eu sentia pavor de espiar aquela verruga esquisita que ele vivia exibindo, muitas vezes (mas nem sempre) sem querer. No entanto, tenho boas lembranças de andar a cavalo com esse avô. Foi o primeiro a ter coragem de me levar para cavalgar, quando eu ainda tinha meses de vida. Diz a lenda da família que eu gostei tanto que comecei a chorar quando me apelaram; daí em diante, para me fazer dormir, bastava alguém subir comigo em um cavalo.

Era uma casa de mulheres fortes. E trabalhadoras. Minha avó era o general: cozinhava, lavava e passava, cuidava da horta, carpia, capinava — mesmo as tarefas consideradas masculinas eram dela. Minha tia, solteira, trabalhava de sol a sol ao lado da minha avó, até morrer de infarto com apenas 41 anos — ao sair para buscar o bezerro de uma vaca recém-parida, caiu morta na frente da casa. (Essa foi a primeira morte com que lidei, da qual apenas tive notícia, pois não me deixaram ver corpo nem caixão.) Minha mãe, que era professora, cismou de dar aulas na zona rural quando chegou à roça, então negociou com o prefeito o envio de carteiras, uma lousa e merenda, e montou uma sala de aula para crianças do primeiro ao quarto ano em um cômodo ao lado do piaol da nossa propriedade. O piso era de terra batida e o reboco, uma mistura de argila branca do quintal e esterco de vaca; quando minha mãe rebocava as paredes, o cheiro era ruim, mas com o tempo desaparecia. No começo, ela até tinha um plano de aulas, mas desistiu dele quando percebeu que, apesar de as crianças terem idades diferentes, ninguém sabia ler nem escrever. Tinha fama de professora brava, porém os meninos que passaram pelas suas aulas saíram de lá alfabetizados e realizando as quatro operações matemáticas.

O trabalho, pelo qual recebia um salário mínimo, pago pela prefeitura, não a livrava da lida com o sítio. E era uma rotina áspera. Não me lembro de ver minha mãe sentada pensando na morte da bezerra. Recordo, isso sim, de vê-la arrastando toras para construir uma cerca ao redor da propriedade, escavando o chão para fincar a madeira e passando o arame farpado pelos ganchos que ela mesma pregava. Não havia trabalho que ela recusasse: trabalhava no canavial e se cortava toda; se precisasse, entrava na carvoaria e saía de lá preta de fuligem — ela, que era uma mulher linda e desejada, mesmo na sua simplicidade. Uma das suas tarefas era vigiar o ponto da cachaça que fazíamos. Dona Dulce, que nunca bebeu, era incumbida de tomar conta do caldeirão onde se fervia a garapa até obter o destilado. Muitas vezes, ela olhava o líquido às sete da noite e calculava: só vai dar ponto por volta da uma da madrugada. Perto desse horário, ela descia até o engenho levando a mim e Nilmar adormecidos. Abria um velho lençol azul calcinha sobre uma camada macia de bagaço de cana e nos punha ali, ao alcance do olhar. Não queria nos deixar sozinhos no quarto. Eu me lembro do barulho do bagaço amassando quando a gente deitava, e também do cheiro adocicado da cana fervendo.

Os cheiros.

Minha infância foi povoada por cheiros. Anos mais tarde, quando comecei a conviver com outras pessoas, percebi que tinha me tornado muito sensível a eles. Reparo, penso sobre eles. Da fumaça que saía do fogão a lenha. Da chuva que cobria a terra seca. O cheirinho de sujeira da minha tia Lieta, que quase nunca tomava banho e usava todo dia as mesmas saias compridas, com anáguas encardidas e blusinhas de botão — esse cheiro, para mim, era cheiro de carinho, porque a tia-madrinha me adorava e muitas noites eu dormia no canto dela na casa.

O cheiro do curral, que não ficava distante da sala de casa. E havia também o cheiro das fezes de vaca que ficavam espalhadas pelo sítio — que me faziam escorregar, mas eu nem me importava.